

ORDEM DO DIA

Rubem Braga

UM telegrama de Londres fala de um aparelho chamado "electro-encefalograma", que serve para ver o cerebro por dentro. Dizem que com esse aparelho é possível saber as verdadeiras aptidões de cada individuo. O professor Mauricio de Medeiros deu uma entrevista meio pessimista, embora reconheça grandes virtudes no aparelho.

Eu por mim sou a favor da liberdade de investigação científica, mas acho que ela deve ter um limite. E' o caso desse aparelho, que pode se transformar numa coisa perigosa. Imaginem se de repente alguém resolve fazer uma "revisão de valores" graças ás indicações frias e precisas do "electro-encefalograma". Podia até acontecer uma subversão social, uma horrível subversão: cada um passar a ocupar o lugar indicado pelo aparelho. Eu de mim nem sei o que seria. Quanto a outras pessoas nossas conhecidas, confesso que tenho grandes temores. Ia ser uma barafunda de gente saindo de um cargo para outro, mudando de profissão e de batente! O dr. Paulo Lira, por exemplo, era capaz de abandonar a Diretoria da Fazenda e pegar um bom tambor do Exército da Salvação. (Neste ponto uma funcionaria fumante que lê o que escrevo fica indignada: "pois sim! isso é o que ele quer que os outros pensem!") Jornalistas de renome iriam ser fogueteiros, e outros engraxates; e certos cavalheiros que nos acostumamos a ver exaltados nas páginas dos jornais e nas ondas do radio como beneméritos e geniais, iriam ser... Não, esse aparelho precisa ser proibido!

Estão falando outra vez — agora com mais animação — na construção do "metro" no Rio. Viajaremos por baixo da terra. Os engenheiros da Central acham que pode ser. E' um melhoramento formidável, está certo, mas é uma coisa triste. Viajar debaixo do chão! De casa para o trabalho, do trabalho para casa, sempre por debaixo do chão... Ah, Senhor, a gente já anda tão por baixo! Ah, Senhor, para os que trabalham nesta cidade e, ano após ano, sonham inutilmente em passar um mês, uma semana, um dia na roça ou no mar — livres nas ondas, soltos no pasto! Ainda é um consolo, entre a casa e o trabalho, ver um pouco de mato em alguma encosta de morro, ou deixar os olhos irem nadando nas aguas sem fim. Seremos tatús, tristes e cansados tatús circulando por baixo do chão: seremos burros de mina. Todo mundo está sonhando, para depois da guerra, com autogiros e balões: por favor, senhores engenheiros, não ameacem nos condenar a viver por baixo do chão. Nós queremos céu, sol, nuvens, ar. Por favor, não estraguem nossos planos secretos de Depois da Guerra — esse Depois da Guerra de que toda gente alimenta hoje suas tontas esperanças. O que os senhores estão fazendo é uma crueldade: apontar como caminho para Depois da Guerra a boca preta de um tunel. Mas exatamente, senhores, exatamente o que acontece é que todo mundo está enjoado de andar dentro de um tunel. Não temos feito outra coisa! Queremos ar, vento, tempestade — rolai das imensidades, varrei os mares, tufão!